



A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM SHILLER E A EDUCAÇÃO PARA O SER HUMANO ABSOLUTO.

José Carlos de Oliveira Junior¹
Donizeti Pessi²

Resumo: *O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os conceitos básicos de estética de Schiller a partir da reflexão acerca dos impulsos: sensível, racional e lúdico, por meio dos quais possibilita-se uma educação moral para o ser humano absoluto, para responder ao: a relação entre estética e educação como condição necessária do ser humano. Essa pesquisa é de caráter bibliográfico e fundamenta-se no pensamento do filósofo do romantismo alemão Schiller.*

Palavras-chave: Educação. Estética. Moral. Ser Humano Absoluto.

Introdução

Friedrich Schiller foi um filósofo alemão, viveu no século XVIII, escreveu 27 cartas onde demonstrava certo desânimo com os acontecimentos que a sociedade praticava. Nas cartas Schiller (2002) apontava o que poderia ser a solução para os problemas que enfrentavam, dizia o filósofo que o homem devia buscar uma educação que o transformasse no ser humano absoluto.

Nessa época ocorria um movimento fortíssimo que hoje conhecemos como Iluminismo, Schiller era adepto ao movimento, pois também acreditava que o uso da razão seria a “salvação” do homem.

Em meio a todos os acontecimentos a atenção da Europa está voltada toda para França. A revolução francesa, marcada pela tomada da Bastilha por Napoleão Bonaparte e a morte do rei Luís XVI junto de sua esposa Maria Antonieta, estava em seu ápice. Buscavam com a revolução: liberdade, igualdade e fraternidade, esses são os ideais iluministas. Porém na prática o que a França estava vivendo era uma onda de violência sem fim, o que trouxe a muitos expectadores o sentimento de desprezo e desilusão.

Deparando com a realidade violenta da França, alguns pensadores da época vêem a necessidade de expor críticas e de encontrar alguma solução para todas as barbáries. Schiller foi um dos desiludidos com a Revolução, incomodado com tudo isso começa a compor um conjunto de cartas a fim de encontrar uma forma de resolver os problemas sociais.

Schiller, assim como os ideais da revolução, defendia a liberdade, porém para o filósofo a liberdade que os franceses buscavam é diferente da liberdade que ele acredita ser a correta. Chegou a acusar a liberdade francesa de farsa, disse ainda que os revolucionários proclamavam uma liberdade que eles próprios não entendiam. Schiller (2002) vai dizer então que a liberdade humana é possível de ser

¹ Acadêmico do Segundo Período do Curso de Licenciatura em Filosofia – Faculdade Sant’Ana, j_uninhooliveira@hotmail.com

² Professor Orientador lotado no Departamento de Filosofia da Faculdade Sant’Ana e no Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, donizetipessi@hotmail.com

alcançada pela estética. O filósofo alemão acreditava que por meio da estética podia-se purificar a vontade e a moral, assim encontrar um equilíbrio para viver bem.

Schiller (2002) começa a propagar por meio de suas cartas sobre a educação estética, que o homem educado pelo belo pode se tornar um ser humano moral, com a capacidade de ser livre e um cidadão de bem.

O presente trabalho tem o intuito de apresentar os conceitos básicos de estética que Schiller apresentou para a educação do ser humano.

Metodologia

Para que se possa atingir o objetivo apresentado optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo com abordagem bibliográfica fundamentada na reflexão de Schiller, filósofo do romantismo alemão, a partir da obra '**A Educação Estética do Homem: numa série de cartas**', e também apoiado na comentadora Ana Nunes (**A Educação Estética de Schiller na Contemporaneidade: o uso da arte para uma educação moral**, 2013).

Resultados/Resultados parciais e discussão

Os resultados aqui propostos são constituídos propriamente do conhecimento acerca da estética enquanto perspectiva reflexiva sobre a educação moral do ser humano absoluto. Para tal reflexão, necessário se faz indicar conceitos desenvolvidos por Schiller como viabilização do método compreensivo do objetivo a que se propõe.

A Harmonia Dos Impulsos

Schiller, assim como Kant, distingue as faculdades, porém o primeiro chama-as de *impulsos* separando-as em impulso sensível e impulso formal. Schiller (2002) acredita que entre esse dois impulsos pode haver harmonia, isso aconteceria pela estética.

Os dois impulsos são extintos e agem de forma diferente no sujeito. Cada um reage de forma própria tendo suas próprias características e são independentes um do outro.

O impulso sensível possui característica empírica, de dentro para fora, proporcionando ao homem a limitação de tempo, tornando-o matéria e finitude. “[...] é a natureza sensível do ser humano e parte da sua existência que se limita em tempo, forma e matéria” (NUNES 2013). É este impulso que proporciona sensações ao homem. Schiller nos apresenta assim o conceito deste impulso:

O primeiro destes impulsos, a que pretendo chamar sensível, parte da existência física do ser humano, ou da natureza sensível, e ocupa-se em situá-lo dentro dos limites do tempo, tornando-o em matéria: não fornecer-lhe matéria, uma vez que isso já requer uma atividade livre por parte da pessoa, que apreende a matéria e a distingue de si própria enquanto elemento persistente (SCHILLER, 2002,p. 63).

O impulso formal age na parte racional do homem, é parte da existência absoluta, sendo total e imutável. Este impulso é responsável pela formação da personalidade do sujeito, faz com que ele busque a verdade, deseje a liberdade e não aceita muitas mudanças naquilo que foi concretizado. Schiller na sua décima segunda carta define o impulso da seguinte forma:

Ao segundo desses impulsos, a que podemos chamar impulso formal, parte da existência absoluta do ser humano, ou da sua natureza racional,

ambicionando pô-lo em liberdade, trazer harmonia à diversidade das suas manifestações e afirmar a sua pessoa em todas as mutações do estado (SCHILLER, 2002, p. 64-65).

Os impulsos parecem agir de formas opostas, e agem, porém Schiller vai dizer que não são opostos porque ambos são impulsos naturais do ser humano, apenas divergem por um equívoco da natureza e confundem suas esferas. Sendo assim, agem de maneira distinta, mas não o são por natureza. Schiller ainda afirma que a diferença dos impulsos é fundamental ao ser humano, pois “[...] a sua tarefa é, portanto dupla; em primeiro lugar, preservar a sensibilidade contra os ataques da liberdade; em segundo lugar, assegurar a proteção da personalidade contra o poder das sensações.” (SCHILLER, 2002, p. 65).

Schiller (2002) acredita em um terceiro impulso e o chama de *impulso lúdico*. Este seria o responsável pela harmonia dos outros dois impulsos tornando-os capaz de agirem em conjunto. Enquanto o impulso sensível quer receber o objeto o impulso formal quer produzir o objeto, o impulso lúdico ajustaria esses os dois fazendo com que o sujeito receba e produza ao mesmo tempo.

Na mesma medida em que retirar às sensações e aos afetos a sua influência dinâmica, ele conduzirá estes a uma harmonia com as ideias e a razão, e na mesma medida em que retirar a coação moral das leis da razão, ele reconciliá-las-á com o interesse dos sentidos. (SCHILLER, 2002 p. 75).

O lúdico está remetido ao sentido de jogo, Schiller (2002) afirma que o jogo entre esses dois opostos é que produz harmonia entre natureza e espírito, entre sensível e razão. O jogo é o mediador capaz de dar equilíbrio as faculdades do homem ajudando-o a atingir o ser humano absoluto.

O Belo

Schiller (2002) tem a ideia de que o belo é o impulso lúdico, e este impulso é promovido pela obra de arte. Assim como o lúdico, o belo é a relação recíproca dos dois impulsos, o jogo entre eles. Entre os impulsos existe um objeto comum e Schiller nos diz que é a beleza, ela seria essencial para educação estética do ser humano.

A beleza é encontrada na obra de arte e é o equilíbrio que Schiller tanto busca, ela liga entre si o iniligável, sendo assim, segundo o filósofo alemão a beleza liga também o finito e o infinito. “A beleza acolhe uma relação de reciprocidade entre infinito e finito, condição necessária da humanidade e princípio do belo encontra-se imanente ao objeto natural” (SCHILLER, 2002, p. 78-79).

Schiller (2002) sempre reforça a necessidade do jogo para a possibilidade de existir uma humanidade plena, para ele a plenitude é possível de ser atingida pela arte. Ela reformularia as vontades e costumes do homem, atingiria de forma positiva a política e a liberdade e combateria toda violência da sociedade.

A Liberdade

O equilíbrio dos dois impulsos opostos dá origem à liberdade, e a estética schilleriana não pode ser construída sem liberdade. A liberdade que Schiller (2002) apresenta possui um conceito pouco diferente do que estamos acostumados a ouvir. Para Schiller (2002) a liberdade não é ausência de limites, pelo contrário ele nos diz que os limites são importantes para a educação do homem e tudo o que está dentro desses limites é liberdade.

A imaginação do ser humano busca uma liberdade sem limites. O espaço e o tempo, características atribuídas ao impulso sensível, são oferecidos para que isso aconteça. Porém, o impulso formal tem a responsabilidade de trazer os sentidos à realidade. E é neste equilíbrio que está presente a razão.

A Europa gritava por liberdade através de uma revolução, porém essa busca veio ao extremismo tornando-se violência e barbárie. Por esse motivo é que Schiller vê a necessidade de apresentar o conceito de liberdade dentro de sua pedagogia estética.

A Contemplação

A contemplação é a parte prática da pedagogia estética de Schiller. O belo e a liberdade são produzidos pela contemplação, e ela que faz a ligação direta entre o ser humano e a arte permitindo que o resto se desenvolva (SCHILLER, 2002).

A contemplação leva o ser para fora dele mesmo e o coloca em contato com o mundo que o rodeia. É pela estética e pela contemplação, que sempre agem juntas, que o homem vai conseguir viver em paz com a natureza.

Este homem ao contemplar uma obra de arte pode sair da realidade, pois o que ele sente vai muito além do que os seus olhos vêem. Isso se dá em qualquer âmbito de obras artísticas, pode ser músicas, quadros, literatura, arquitetura, entre outros. Mas, para Schiller (2002) a obra de arte em especial é a tragédia, pois envolve afeto e as obras com afeto são as que se destacam para o autor.

Com a contemplação e a estética o ser humano se torna absoluto e pleno, capaz de ser um bom cidadão político e afetar positivamente o seu Estado.

Considerações finais

Em todas suas cartas buscando uma solução para a sociedade Schiller faz um plano educativo por meio da estética visionando algo aparentemente impossível, o ser humano absoluto.

Com toda a descrição dos impulsos opostos que Schiller apresenta e com a harmonia entre eles que se dá pelo *lúdico* e pelo *belo* seria desenvolvida a moral, a harmonia seria a base da moralidade. O homem que alcança essa capacidade tornar-se um ser equilibrado em sua razão e emoção, tornar-se mais sábio e moral, não pendendo para nenhum dos lados não prejudicaria a si e nem os que estão em sua volta.

Este homem absoluto, pleno e moral seria um homem livre conhecedor dos limites da liberdade que não leva as realidades ao extremo. Ele usaria da contemplação para refletir sobre arte e a vida educando seu olhar através do belo. Schiller, assim como Platão, via o *belo* como sinônimo de *bem*, ou seja, o esse homem seria um cidadão de bem, um ser humano absoluto.

Referências

NUNES, Ana. **A Educação Estética de Schiller na Contemporaneidade**: o uso da arte para uma educação moral. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10951/1/ulfl155520_tm.pdf. Acesso em: 26 de agosto de 2018.

SCHILLER, Friedrich. **Educação Estética do Homem**: numa série de cartas. 4.ed.
São Paulo: Iluminuras, 2002.